4. O Tico-Tico

espaço de entretenimento e representação da prática escolar republicana

Aline Santos Costa
Cíntia Borges de Almeida

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

COSTA, A.S., and ALMEIDA, C.B. O Tico-Tico: espaço de entretenimento e representação da prática escolar republicana. In: SILVA, M.C., and BERTOLETTI, E.N.M., orgs. *Literatura, leitura e educação* (online). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2017, pp. 99-132. Pesquisa em educação/ Práticas de leitura e escrita series. ISBN 978-85-7511-497-1. Available from: doi: [10.7476/9788575114971.0005](https://doi.org/10.7476/9788575114971.0005). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/5gg44/epub/silva-9788575114971.epub>

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

4

O Tico-Tico: espaço de entretenimento e representação da prática escolar republicana¹

Aline Santos Costa
Cíntia Borges de Almeida

Os estudos mais recentes no campo de História da Educação apresentam como proposta uma revisão dos trabalhos que focavam na institucionalização escolar, marcada, principalmente, a partir de meados do século XIX, como o “único” espaço educativo e de representação das práticas pedagógicas. No Brasil, principalmente no período citado, é que se inicia a construção de uma configuração histórica particular em termos de processo de institucionalização da escola primária, considerando “um espaço físico-arquitetônico e as temporalidades múltiplas nela vivenciadas” (Faria Filho e Vidal, 2000, p. 21). A forma escolar de socialização foi importante e significativa no processo de organização da estrutura e da sociedade brasileira, mas, concomitantemente a ela, outros espaços educativos se expressaram e contribuíram para a organização social citada.

Entre eles, destacam-se os impressos: livros, jornais e revistas que atenderam a públicos diferenciados e ainda disseminaram o ideal civilizatório e de formação nacional. Tomados pelo discurso pedagógico, seus interlocutores agiram, direta e indiretamente, de acordo com as demandas educacionais. A escola passa a ocupar um espaço importante e de relação com outros espaços sociais.

¹ Este texto foi publicado na revista *Teias*, v. 16, n. 41, 2015, e atualizado para este livro.

Dessa feita, a forma escolar, conforme apontam Vincent, Lahire e Thin (1994), pode ser compreendida como uma configuração sócio-histórica particular associada a uma reorganização do campo político e religioso, à instauração de uma ordem urbana, que exigia o estabelecimento de novas formas de relação social entre sujeitos de diferentes grupos sociais, bem como à aprendizagem de formas de exercício do poder. Nessa direção, ainda que se propusessem a outros objetivos, os impressos também recorriam a práticas e formas escolares para cumprir um ideal civilizatório. *O Tico-Tico* não se abstém desse compromisso.

Com a missão de “divertir, estimular e ser útil às petizadas do Brasil”, o “jornal das crianças” de 17 de janeiro de 1906 preenchia suas páginas com uma “explicação pessoal” sobre a ausência da historinha envolvendo seu personagem Chiquinho no exemplar da semana anterior. Em resposta a seus inúmeros leitores que lhe escreveram pedindo esclarecimento pela falha, a redação se retratou através de uma “deliciosa” história do personagem:

Chiquinho – Ora mamãe, então logo hoje eu não saio?

Mamãe – Não. Você está tão levado da breca que até pode ser um mau exemplo aos leitores d’O Tico-Tico. No número passado você chegou a esborrachar a cara do copeiro. Hoje fica em casa de castigo [...] (*O Tico-Tico*, 17/1/1906, p. 5).

A interferência do leitor, a retratação do autor, bem como a participação dos personagens na vida das crianças e vice-versa, tudo isso nos mostra uma nova configuração da imprensa. Não analisaremos a imprensa entendendo-a apenas como aliada do governo ou cumprindo uma função estritamente política, da forma como funcionava em meados do século XIX.

Por esse novo viés, compreendemos a imprensa a partir de sua evolução proposta pelo período republicano, de modo que deixe

de ser “o órgão oficial, função homogênea” e opere com “o desenvolvimento da imprensa particular”, cristalizando “o seu feitiço típico de variedade de gênero”. Nesse sentido, analisaremos a imprensa “moderna” com seus “potentíssimos aparelhos orgânicos de informação quotidiana, omnipresente e cabal”, destinada a criar relações com seus leitores, “noticiária, commercial, litterária, crítica, aberta aos annuncios, folhetins, poesias” (Bello, 1908, p. 151).

Destaca-se também o objetivo de pesquisar *O Tico-Tico* sob seu cunho social, refletindo acerca do discurso em torno da “diversão e do encantamento de seus leitores”, ainda que as escritas das notícias, ao contrário do lema afirmado, permitam-nos depreender uma preocupação civilizatória em suas páginas.

A revista *O Tico-Tico* configura-se como um instrumento para se pensarem a expansão da imprensa, a modernização dos meios de comunicação e as estratégias para se divulgarem ideias, pensamentos e projetos de sociedade, mais do que “simplesmente noticiar um desejo oficial”. Sem, necessariamente, subordinar-se aos interesses do governo, a redação e a administração dos jornais do início republicano expandiam seus interesses e cumpriam variadas funções, formando um “jornal moderno e mais aprimorado” (Idem, 1908, p. 151).

Ainda em meados do século XIX, com a crescente valorização da cultura impressa, os periódicos passam a desempenhar papel significativo na formação de leitores brasileiros. Assim como os livros alcançam lugar privilegiado e preferência nos círculos letrados, o jornal e as revistas despertam a atenção de diversas camadas sociais, por meio de suas narrativas plurais, mais sintetizadas, o que possibilitava uma leitura de modo “extensivo”, por meio da qual o leitor lê mais textos e consegue atingir um maior número de informações em menor espaço de tempo.

A popularização da palavra impressa foi ampliada, apesar dos elevados índices de analfabetismo.² Ao contrário disso, é possível observar diferentes veículos impressos desempenhando papel alfabetizador. Não se trata de processos de alfabetização que substituíam o lugar da escola, mas cumprindo um papel, ainda que informal, no processo educacional da sociedade. Com *O Tico-Tico*, não é diferente.

4.1 Formar para o indivíduo ou para a sociedade?

A primeira edição d'*O Tico-Tico* disponível na Fundação Biblioteca Nacional data de 22 de novembro de 1905.³ A partir dela, analisamos as intenções dos editores e autores das notícias do impresso e refletimos sobre as representações feitas pelos leitores a partir das correspondências enviadas à publicação, seja em forma de pedidos, seja em forma de agradecimentos, poemas, participação em concursos, entre outros instrumentos que nos permitem compreender suas leituras.

Na edição 1, encontramos alguns indícios que nos apontam para seus fundadores, para sua materialidade, levando-nos também aos seus objetivos revelados: “divertir, estimular e ser útil às petizadas”. No cabeçalho da revista, temos, de antemão, seu público-alvo: “jornal das crianças”, bem como a data de distribui-

2 De acordo com Manoel Bonfim, em discurso pronunciado para as professoras da Escola Normal em 1902, 90% da população brasileira era composta por analfabetos (Escola Normal, 1904, pp. 59-60). Esses dados alarmantes podem ser observados no jornal mineiro, ao alertar para o fato de que “a instrução, quase na totalidade de seus estados, póde se dizer: é nulla” (*Correio de Minas*, 8/11/1906, p. 1). Tão grave quanto o panorama da instrução brasileira, consistia a situação do Distrito Federal. Em 11 de maio de 1915, o jornal *O Imparcial* afirmava, em uma de suas matérias, que “a capital, em 1913, com uma população em torno de 1.200.000 habitantes e 63.997 alunos de ambos os sexos, tinha uma população escolar equivalente a 5%” (*O Imparcial*, 11/5/1915, p. 3).

3 A data de criação da revista *O Tico-Tico* encontra-se divulgada no *Cinquentenário de O Tico-Tico, retrospecto da vida de O Tico-Tico, da sua fundação até os nossos dias. Noticiário e homenagens diversas a tradicional publicação*. Rio de Janeiro: Sociedade Anonyma O Malho, 1956.

ção semanal (quartas-feiras). No rodapé, vemos o jornal *O Malho* como responsável por sua redação e administração, além da informação do número de tiragem (27 mil exemplares semanais) e o valor de venda do número avulso (200\$ réis).

Esses pontos permitem levantarmos indícios da circulação da revista e de seu alcance. Quem seria seu público-alvo? “Um jornal feito para crianças”, mas comprado por adultos, leva-nos a refletir sobre seu objetivo. Como os pais avaliariam o conteúdo da revista se não o lessem *a priori*? E o que podemos inferir a partir de sua associação com *O Malho*?

Tais questionamentos nos levam aos objetivos de diversão, encantamento e serviço de utilidade ao leitor. Em notícia publicada no *O Tico-Tico* de novembro de 1905, seus redatores reforçam a informação da participação da empresa d’*O Malho* na publicação do jornal para crianças, endossando a colaboração de escritores e artistas de “nomeada” em sua execução (*O Tico-Tico*, 22/11/1905, p. 3).⁴ A fim de “instruir e deliciar as crianças”, os redatores enfatizam que os marmanjos já possuem seus jornais, sendo este “exclusivamente para os pequeninos, os inocentes, os simples” (Idem, p. 3). No entanto, quem se preocupa com a participação de sujeitos de prestígio e “nomeada”? Uma criança estaria interessada na assinatura de um autor? Acreditamos que tais preocupações provêm de seus responsáveis, que, ao comprarem a revista, estão interessados em oferecer uma formação satisfatória a seus filhos. Trata-se, pois, de discursos endereçados aos pais, aos adultos.

4 Luiz Bartolomeu de Souza e Silva, proprietário de *O Malho*, recebeu a ajuda de alguns intelectuais na concepção de *O Tico-Tico*: Manoel Bonfim, Renato de Castro e Cardoso Jr. estiveram ao seu lado na criação do periódico que se tornaria referência na imprensa brasileira. Além deles, “um grande número de cartunistas já conhecidos pelo trabalho em *O Malho* e em outras revistas ilustradas da época – Ângelo Agostini, J. Carlos, Leônidas, Kalixto – participaram ativamente de *O Tico-Tico*” (Gonçalves, 2011, p. 15).

Mas como seria essa formação? Podemos pensar em boa e má-formação a partir de quais elementos? Em termos de leitura, a “boa” leitura dizia respeito ao conteúdo adequado especificamente aos interesses de uma sociedade – uma preocupação com a formação da nação civilizada, ordeira, moderna e escolarizada –, que se estendia para além do indivíduo.

Em seu programa, *O Malho* se propunha, como o próprio nome indica, a “destruir a praxe”. “Tudo que passar a seu alcance será a bigorna” (*O Malho*, 20/9/1902, p. 4). Em prol de cumprir com “um bem social”, o jornal “concorria eficazmente para o melhoramento da raça humana [...]. Pondo em contribuição ao desenvolvimento do riso, temos prestado ao homem serviço” (Idem, p. 4), oferecendo informação com audácia, alegria, mordacidade e irreverência, ainda que seja “às custas de todos” (*O Malho*, 20/9/1902, p. 4). A educação foi uma das pautas debatidas no jornal,⁵ ainda que as notícias/os artigos viessem em forma de crítica ou em solicitação por seu cumprimento.

Entretanto, a transformação social esbarrava nos interesses particulares, nos diferentes posicionamentos expostos no periódico. A educação e a frequência obrigatória, por exemplo, já defendidas pelos articulistas do jornal *O Malho*, foram atacadas por um governante municipal. Os redatores utilizavam o espaço do periódico para criticar a opinião e reforçar seus posicionamentos acerca da importância da instrução escolar. De acordo com o jornal, o deputado Ferreira Braga⁶ apresentou à Câmara um projeto de lei que condenava o ensino obrigatório com a seguinte justificativa:

5 Ver as notícias: 20/9/1902, pp. 3-4; 3/1/1903, p. 4; 24/1/1903, p. 9; 12/5/1906, p. 4; 16/6/1906, p. 12; entre outras.

6 Professor de Matemática da Escola Militar e da Escola Politécnica na última década do século XIX e no início do XX. Iniciou na política como deputado federal de São Paulo entre 1903-5, pela legenda do Partido Republicano Paulista. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BRAGA,%20Francisco%20Ferreira.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2017.

Gallileu estudou na frequência obrigatória? Não.

Keppler teve frequência obrigatória? Não.

Pythagoras submetteu-se à frequência obrigatória? Não.

Linneu, Laplace, Aristoteles, Raunier, Coulon, Douvzy, Torre Eiffel, Simonetti e outros sábios estudaram com frequência obrigatória? Não.

Logo, a frequência obrigatória é uma inútil e espalhafatosa pachouchada (*O Malho*, 29/11/1903, p. 9).

Em resposta à intervenção do deputado para o descumprimento do ensino obrigatório, os articulistas rebateram o pensamento do político: “Muitos deputados, à parte: — o nobre deputado, um sábio também, também não teve frequência obrigatória. Loooooogo... batatas” (Idem, p. 9).

Os artigos trazidos à tona sugerem interesses diversos por parte dos redatores e colaboradores d’ *O Malho*, notadamente o de levantar a bandeira educacional e utilizar as páginas do periódico como um espaço legitimador do discurso que se intentava disseminar. Partindo desse pressuposto, encontramos pistas que nos levam a considerar também a revista *O Tico-Tico* um instrumento de divulgação dessa formação “adequada” que se esperava da sociedade republicana, com vistas à modernidade.

Uma sociedade que vislumbrava o progresso não aceitaria, em seu seio, traços de “ignorância” que a reportariam a um passado não muito remoto, considerado atrasado, pouco evoluído, chamado por alguns historiadores de “trevas”.⁷ Oferecer a instrução para a população seria, então, o mesmo que levar luzes às trevas.

7 O livro *Educação, poder e sociedade no Império brasileiro* ajuda-nos a problematizar a disputa dos projetos políticos educacionais pensados, ainda no período imperial, bem como a tensão envolvida nas práticas educativas do início da República, tentando “sufocar” ou apagar as experiências do século XIX (Gondra e Schueler, 2008). Sobre a memória republicana construída, ou melhor, forjada a partir do silenciamento das iniciativas do século XIX, as autoras Alessandra Schueler e Ana Ma-

O processo de escolarização e de formação social fazia parte do projeto de modernização pensado por vários intelectuais nas primeiras décadas republicanas. Com a criação da revista *O Tico-Tico*, abria-se mais uma possibilidade de disseminação das ideias desses agentes sociais que atuavam na imprensa. Veja-se o conto “Nina”, à guisa de esclarecimento:

Nina dispuzera-se a ensinar a ler ao seu Petit [...].

A um canto da sala de jantar installara a escola, pondo o Petit sobre uma cadeira de braços e deante delle uma carta de a, b, c, a mesma em que ella própria, iniciava os seus estudos.

A mamãe, ao princípio, quis demover a menina do seu intuito.

Que? Nina, uma moça educada, da sociedade, podia lá ter um cão estúpido? Havia de educa-lo também, de ensina-lo, de dar-lhe o maior preparo scientifico litterario possível.

E poz-se à obra [...] Docilmente, Petit ia-se sujeitando ás imposições da menina, suportando as suas impertinências [...]

Houve um momento em que Nina teve de deixar o discípulo sozinho na aula. Ao voltar, encontrou-o sentado noutra cadeira [...]. A menina ia zangar-se, mas teve uma ideia que a comoveu. Pensou que o pobrezinho estava, talvez, fazendo algumas reflexões. Exclamou:

Coitado! Também eu me nego, quando penso que tenho de aprender tudo aquilo, fico triste às vezes... mas depois me animo e alegre pensando na importância que a instrução dá a gente! (*O Tico-Tico*, 11/4/1906, p. 3).

A historinha publicada em *O Tico-Tico* permite inferirmos algumas representações possíveis a partir de seu texto. Nina, a aluna educada e da sociedade, transmite-nos a ideia do valor moral e

galdi (2009) reafirmam a necessidade de se reverem as produções no campo da História e da História da Educação, que, supostamente, “inauguram” a República como marco zero e subjugam o Império, a ideia e a representação de atraso, de precariedade, de “trevas” (p. 37).

da conduta que se queria construir entre as crianças. O destaque para a necessidade de “um maior preparo científico litterario” leva-nos a refletir acerca do papel da educação na sociedade. Observe as imagens que seguem a história de Nina e seu cachorro Petit:

Figuras 4.1 e 4.2. Imagens de Nina ensinando Petit a ler.

Fonte: *O Tico-Tico*, 11/4/1906, p. 3.

Como refletir acerca do jogo de imagem proposto pelo jornal seguido pela história de Nina? A nosso ver, há, claramente, uma tentativa de ressaltar a importância da escolarização, bem como a forma e a prática escolar.

Na primeira imagem, observamos Nina apoiando-se em alguns recursos, como livros e o próprio jornal *O Tico-Tico*, para ensinar seu cachorro Petit a ler. Além do suporte material, Nina também

assume uma postura de professora. Inicialmente, comporta-se como uma professora dedicada ao aprendizado de seu “aluno” e, posteriormente, conforme evidenciado na segunda imagem, atua com mais autoridade. As imagens nos sugerem a relação aluno/professor. Todavia, o texto que compõe a matéria do jornal anuncia não somente a prática docente, como também sugere ao leitor a importância da escola, ao tentar relacionar as supostas “ignorância” e “indisciplina” de Petit à sua falta de consciência sobre o papel da instrução escolar na vida social.

Nessa direção, qual era a função d’*O Tico-Tico* ao disseminar a importância da escola? Pensamos que essa resposta perpassa o entendimento dos jornais como um mecanismo de propagação dos ensinamentos de boa conduta, civilidade e “adequação” social, configurando ainda um espaço de legitimação das práticas e formas de escolarização.

4.2 Práticas de leitura para entretenimento e formação escolar

São fortes as evidências acerca das influências de pensamento proposto pelos articulistas das publicações *O Malho* e *O Tico-Tico*. No entanto, elas não aparecem apartadas das apropriações e dos modos de leitura que o público da revista *O Tico-Tico* fazia. Veja a poesia do menino Djalma Assis de Andrade enviada à redação da revista:

Mái
 Quem nas horas de tristezas,
 Nos vem sempre acalantar,
 Com um sorriso de anjo,
 Que ninguém sabe imitar?
 Quem nos ensina a ser bons,

Para com a humanidade?
 Quem nos ensina a falar,
 Desde nossa tenra idade?
 É a mãe, este ser sublime,
 Que devemos sempre amar,
 Si quisermos ser felizes,
 Neste mundo de penar (*O Tico-Tico*, 12/9/1906, p. 13).

A “doce poesia” enviada para publicação aponta-nos para uma preocupação recorrente entre a sociedade republicana: o amor pela família. Entretanto, esse valor não é o único que podemos notar no texto do leitor Djalma. Convicções religiosas, educacionais e de bondade também podem ser observadas na poesia. Em seu desfecho, outra pista nos é transmitida pelo termo *penar*. O leitor, ao mencionar as penalizações do mundo, sugere ter-se apropriado de conhecimentos acerca de práticas sociais que, ao serem transgredidas, acarretam punição e penalização por seu descumprimento.

É possível que os articulistas não desconhecêssem esse tipo de apropriação. Pelo contrário, a nosso ver, isso fazia parte dos objetivos velados da publicação. Assim, para fazerem circular o impresso, eles convocavam a participação de seus leitores e até mesmo solicitavam suas opiniões e críticas. Talvez essa seja uma estratégia para se aproximar deles e auferir recepções e simpatias.

Acreditamos, portanto, que o ato de ler é mais que uma “habilidade”, tratando-se de um “conjunto de condições histórico-sociais variáveis” (Darnton, 1992, p. 218). Diante disso, percebe-se que a leitura não é estática, muito menos passiva. É um movimento de perspectivas, não linear, não podendo ser “ingênua, pré-cultural, longe de qualquer referência exterior a ela; pois ler é dar sentido de conjunto” (Goulemot, 1996, p. 107). Assim, seguimos

nosso exame para algumas colunas que podem apontar-nos outros indícios sobre as representações nesse tipo de impresso.

Após a sua capa, a primeira matéria encontrada em *O Tico-Tico* registra histórias em quadrinhos, muito bem ilustradas, com cores fortes e desenhos marcantes, acompanhadas de textos curtos e frases simples. Em sua edição 1, a história do personagem Frei Thomaz ocupa a primeira página, de modo a chamar a atenção dos leitores da publicação. Apesar de a revista apresentar-se deteriorada, é possível observar os recursos empregados pelos editores, gráficos e impressores, que servem para expressar a qualidade do material gráfico publicado e em circulação no começo do século XX. Tais elementos contribuem para entendermos melhor o investimento editorial e discursivo de *O Tico-Tico* em sua capacidade de atrair o público-leitor pretendido.

Figura 4.3. Primeira matéria encontrada no periódico *O Tico-Tico*.
Fonte: *O Tico-Tico*, 22 de novembro de 1905.

A história de Frei Thomaz descreve a situação rotineira de uma sala de aula no início do período republicano. O professor, em posição privilegiada e destacada, dá uma lição a seus alunos acerca da importância de se prestar atenção durante suas ações. No entanto, o quadrinho apresenta uma cena inusitada em que o professor expõe sua fala e, logo em seguida, leva um tombo, permitindo que seus alunos interpretem o evento como uma incoerência entre discurso e prática. Além da lição que a história claramente veicula, o material sugere índices subliminares não ditos pelos autores, os quais também transmitem informações significativas. Observe-se que há uma criança de castigo no tablado mais elevado, onde o professor está posicionado. Assim como o professor se encontra em destaque, a criança, nesse mesmo lugar, também fica em destaque, embora ajoelhada e de costas para os outros alunos.

A cena ilustrada na publicação transmite uma mensagem clara acerca da disciplina e das punições para quem desobedecesse às regras e não seguisse o comportamento imposto naquele ambiente. Os autores Júlia Varela e Alvarez-Uria remetem-nos para o processo de transformação proposto pelas instituições disciplinadoras e pelos demais mecanismos de formação educacional. A educação desempenha o papel de fabricar sujeitos instruídos e cultos, mas também tem a função de “inculcar-lhes a virtude da obediência, modelando comportamentos” (Varela e Alvarez-Uria, 1992, p. 13). Assim, quaisquer que fossem os meios de transmissão de cultura, o agente deveria atuar mais como “disseminador de uma mentalidade moralizante que como um difusor de conhecimento” (Villela, 2000, p. 126).

Entendendo o impresso como um meio de transmissão de cultura e do projeto de sociedade já mencionado, a título de materialidade, vale destacar o suporte oferecido a seu público. A aparência leve, colorida e divertida da revista pode ser considerada um me-

canismo para despertar a atenção dos leitores, o que, a nosso ver, contribui para o almejado processo de aquisição de leitura. As imagens associadas aos pequenos textos proporcionavam aos leitores da revista *O Tico-Tico* não somente momentos de diversão, embora esse fosse o elemento mais perceptível; elas possibilitavam também maior entendimento do texto. Portanto, há uma interferência na produção de sentidos por parte dos leitores em formação.

De modo “divertido”, conforme os exemplos analisados indicam, as crianças recebiam as mensagens transmitidas pelos autores, agregando encantamento, aprendizado e valores morais. Alesandra El Far (2006) sugere-nos que as imagens podem imprimir mais impacto às cenas. Examinando seu uso nos jornais, a pesquisadora adverte para o fato de que a imagem facilita o exercício da leitura, deixando o texto mais leve e prazeroso. El Far esclarece ainda que a fotografia chegou na virada do século XIX para o século XX, e sua inserção se deu, em um primeiro momento, de maneira tímida. Não demorou muito, porém, para que passasse a fazer parte das notícias de destaque nos periódicos. Essa foi a maneira que os editores encontraram de oferecer uma pequena pausa aos leitores, em meio a uma profusão de textos. A nosso ver, significou mais do que isso. As imagens seriam instrumentos facilitadores e componentes indispensáveis para a alfabetização dos leitores, na medida em que poderiam favorecer a interpretação da linguagem verbal.

Deve-se, portanto, entender a formação do leitor, a partir das matérias de *O Tico-Tico*, no contexto da Primeira República e de um projeto de nação que se intentava colocar em prática. Assim, a transmissão das histórias não se dava de maneira desinteressada ou aleatória. Tampouco podemos pensar que isso também acontecesse com seus receptores.

Ler, envolver-se, participar das atividades lúdicas propostas pelo periódico, tudo isso revela a complexidade existente na lei-

tura e na produção de sentidos. O ato de ler apresenta grande complexidade, pois nele estabelecemos relações entre texto e contexto, entre palavra e mundo. A leitura é uma prática social e uma relação direta com a vida. Assim, a partir desse pressuposto, entendemos que:

[...] a vida em sociedade requer inúmeras e imprevisíveis ações dos sujeitos leitores: ler para nos informarmos das notícias diárias, para exercer atividades rotineiras como tomar um ônibus, escolher direções da cidade; também para entretenimento, para acompanhar a charge do jornal diário, os quadrinhos ou as colunas sociais e notícias que, com frequência utilizam a piada, a ironia, de modo a colocar pelo avesso a realidade circundante (Silva e Martins, 2010, p. 9).

Como os leitores viram essa realidade pelo avesso? Acreditamos que a resposta esteja em suas práticas de leitura. Configura-se, desse modo, o avesso a partir das formas de apropriação por eles inventadas (Silva, 2011).

É preciso notar que o público-leitor não tem uma atitude passiva na recepção do “jornal da criança”. Na coluna “Gaiola d’O Tico-Tico”, há contato direto entre autor e leitor. As crianças leitoras da publicação utilizam desse espaço para se inserir na trama do periódico. Elas dão suas opiniões, enviam cartas, escrevem poemas e ainda expõem suas impressões acerca das histórias e dos personagens.

Nessa coluna, em 19 de setembro de 1906, publicava-se o poema escrito pelo correspondente João Galero de Pelotas (RS), que se dirigia a um dos principais personagens encontrados nas histórias da publicação: o menino Chiquinho, que era, recorrentemente, retratado em uma história repleta de travessuras, peraltices, seguidas por correção física, disciplinar ou moral. Entretanto,

como João se apropria da imagem de Chiquinho? Para uma observação mais acurada dessa relação, destacamos os versos a seguir:

Chiquinho, tu és travesso,
Porém um bom estudante
A se julgar pelo número
De livros na tua estante.

Chiquinho, pelo retrato,
Pequeno, como tu és.
Para chegares a meza
Corta-lhes os pés.
(*O Tico-Tico*, 19/9/1906, p. 11).

O poema de João indica o modo como ele percebe o personagem. Não negando a principal característica de Chiquinho, o leitor argumenta que o menino é travesso. Porém, atribui, em acréscimo, valores sociais esperados e desejados em uma criança no período examinado. Note-se que Chiquinho é peralta e “um bom estudante”. Nesse sentido, embora as notícias em *O Tico-Tico* construam um estereótipo específico para o personagem, as fotografias e as imagens associadas às histórias de Chiquinho possibilitavam ao leitor ter uma nova visão, receber outra mensagem.

Figura 4.4. Imagem de Chiquinho lendo antes de iniciar suas peraltices.
Fonte: *O Tico-Tico*, 10/1/1906, p. 5.

João conseguiu identificar outra característica a partir dos suportes oferecidos pelo autor. As cenas em que Chiquinho estava na escola, os enredos que apresentavam o menino com livros em sua casa, tudo isso contribuiu para o leitor formar sua opinião sobre o personagem, ultrapassando a transmissão do autor. É possível constatar essa afirmação, inclusive, a partir da representação feita por um segundo leitor, Laurindo Corrêa Malheiros, que desenha Chiquinho na escola, dedicando-se aos estudos matemáticos supostamente necessários à vida social.

Figura 4.5. Representação de Chiquinho por um leitor.

Fonte: *O Tico-Tico*, 21/9/1910, p. 6.

Para Roger Chartier (1999), a leitura “é sempre apropriação, invenção e produção de significados” (p. 77), e toda a história da leitura deve supor, desde o princípio, que o leitor tem a liberdade de deslocar e subverter o que o texto, de forma geral, pretende lhe impor.

Em diálogo com Certeau (1994), o que se pretende é justamente romper com o postulado clássico advindo da história social que coloca a imposição do sentido e o poder ideológico no texto quase como verdades axiomáticas no tocante à leitura, atribuindo aos autores a onipotência sobre todo o processo de ler e escrever. Para Certeau, a presença e a circulação de uma representação não indicam, de modo algum, o que ela é para seus usuários. É ainda necessário analisar “a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricaram” (Certeau, 1994, p. 40). Ou seja, Chiquinho não é o mesmo para seus autores e para João. O leitor observa o personagem como levado, mas também estudioso. A revista, portanto, reforça as peraltices de Chiquinho e sugere penalizações por sua conduta “inadequada”. A consideração exposta permite pensarmos os signos atribuídos à leitura de João. Ele compreende a mensagem de indisciplina transmitida pelo jornal, mas também acrescenta uma nova representação do personagem a partir de seu olhar.

Em janeiro de 1907, a redação d’*O Tico-Tico* lançava a coluna “O Sr. X e sua página”. Nela, cumprimentando seus “leitorzinhos”, a fim de alcançar “a sympathia e o favor do seu amável público”, o articulista solicitava a exposição de “habilidades, caricaturas, aneddotas, adivinhações, enigmas, jogos e brincadeiras” (*O Tico-Tico*, 9/1/1907, p. 11).

enigmas, descrições de jogos e brincadeiras, e em geral toda a espécie de passatempos agradáveis, graças aos quais elle espera alcançar a sympathia e o favor do seu amavel publico.

O "Sr. X" ficará muito grato a todo aquelle ou aquella que lhe enviar alguma adivinhação, problema ou historieta interessante que possa ser por elle utilizada. Citará sempre o nome do leitorzinho ou leitorasinha a quem dever esse obsequio.

Isto dito, o "Sr. X", sem abandonar a respeitosa attitude em que a gravura o representa, dá começo aos seus exercicios.

OS BORRÕES MAGICOS

O jogo que lhes vou ensinar é muito divertido, mas não tem o merito de ser muito accediado.

E' preciso ter cuidado em não sujarem os dedos nem a roupa com a tinta que representa no jogo o principal papel.

Mergulhem a penna no tinteiro e pesnequem com força um borrão em cima de um pedaço de papel.

Feito isso, dobrem immediatamente a folha de papel, de modo a que o borrão fique bem no meio da dobra.

Passem depois a mão sobre o papel assim dobrado, para alastrar bem a tinta. Abram em seguida a folha de papel.

Em vez da feia mancha preta que esperam encontrar, apparecer-lhes-á ás vezes um desenho engraçado — um bicho fantastico, uma arvore, um morcego, a até, quem sabe? uma cara.

Mas cuidado para não se sujarem de tinta!

OS JOGOS DO "SR. X"

A GABRA-CEGA DE SOMBRINHAS

Em vez de estar com os olhos vendados como no jogo da cabra-cega ordinário, o jogador que pagou prenda, senta-se, de costas viradas para uma vela collocada no meio da casa, e fixando os olhos numa parede branca ou num lençol disposto para esse fim, não tem direito a olhar para o que se passa átrás de si, sob nenhum pretexto.

Os outros jogadores, escondidos por detrás dum biombo ou duma cortina, ou noutra sala passam um a um entre a vela e a cabra-cega; mas tratam antes de arranjar disfarces grotescos e fazem caretas e tregelios para que a cabra-cega, que só lhes vê a sombra, não possa reconhecê-los. As meninas dissimulam os cabellos debaixo dos chapéus dos rapazes; os rapazes vestem-se de salas, etc.

O que se quer é enganar a cabra-cega. Imaginem a risota quando esta, com effeito, dá os nomes trocados.

Quando acerta, porém, o jogador, cuja sombra foi reconhecida, passa a ser cabra-cega em lugar do outro.

SEM LEVANTAR A PENNA

Trata-se de desenharmos uma casinha sem levantar a penna do papel.

A casinha é esta:

Sigam a riscar as seguintes indicações e verão como é facil.

Tracem o primeiro risco partindo de baixo e obliquando para a esquerda a partir duma certa altura. (Fig. 1). Terço assim a parede da direita e metade do telhado.

Terminem em seguida o telhado e continuem o desenho (Fig. 2), fazendo um traço horizontal da esquerda para a direita.

Tracem em seguida uma linha obliqua da direita para a esquerda e façam a parede da esquerda (Fig. 3).

Tracem depois uma linha obliqua que se cruze com a primeira, da esquerda para a direita e terminem a figura com um traço horizontal. (Fig. 4)

A E I O U

O "Sr. X" pede aos seus leitores que lhe indiquem palavras da nossa lingua nas quaes as vogaes A E I O U se encontrem dispostas na ordem em que se acham no alphabeto.

O "Sr. X", encontrou já a palavra *Accelou*.

ESCREVER 100 COM QUATRO 9

Perguntem a um amigo si é capaz de escrever 100 com quatro 9.

Deixem-no matutar algum tempo, até ella dar parte de fraco, e digam-lhe depois:

— É a cousa mais simples deste mundo. Aqui está 99 99.

Com effeito noventa e nove e nove noventa é a mesma cousa que dizer 99 e mais 1, ou dizer 100.

Figura 4.6. Coluna O Sr. X e a sua página.

Fonte: *O Tico-Tico*, 9/1/1907, p. II.

De antemão, a forma escolar é perceptível na matéria destacada. Incentivo à leitura, coordenação motora, conteúdo curricular das disciplinas de português e matemática anunciam o olhar educativo e pedagógico do jornal, tanto nas práticas formais como nas informais, embora relacionadas ao espaço escolar. Contudo, verificamos outros interesses anunciados no jornal. Por meio dos desafios propostos aos leitores, os articulistas não somente conseguiam intervir na aprendizagem das crianças, como também convidar as crianças para que continuassem a ler os exemplares seguintes, aguardando as respostas às questões. Ao convocar a participação delas, a redação estabelecia uma relação autor-leitor, estimulava os novos leitores e recorria a esse artifício para vender mais jornais, aumentando, assim, sua circulação e disseminando seu interesse pela formação social.

As estratégias obedecem a um balanço de relação de forças, empreendido por um sujeito que detém algum tipo de poder e que “postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e, portanto, capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta” (Certeau, 1994, p. 46). Visa, assim, produzir, mapear e impor adágios e opiniões em torno de uma influência que se almeja inculcar.

No entanto, não obstante as estratégias desenvolvidas a partir da escrita de um autor, observa-se também uma relação não menos significativa entre as palavras escritas e as inimagináveis formas de leitura e interpretação de uma história. A intensidade de um texto surge quando os olhos estabelecem contato com as marcas da escrita. Nos mais variados suportes, um texto pode ser considerado incompleto sem a existência do leitor. A escrita faz do escritor um inventor de mensagens ou até mesmo um criador de signos. Isso serve para refletirmos sobre a escrita e as intencionalidades de seu autor, porém também nos leva a pensar que

os textos, os signos ou as mensagens precisam de alguém que os decifre, que lhes dê voz.

Outra estratégia notável por parte dos articulistas consistia na publicação de fotos e correspondência de seus leitores. Essa veiculação não acontecia por acaso. Acreditamos que há uma intencionalidade a mais na ação, uma vez que esse fato sugere, eventualmente, uma sensação de vínculo, de compromisso e, até mesmo, de familiaridade entre autor e leitor. Tratava-se de práticas recorrentes no periódico que poderiam produzir efeito na recepção e na apropriação por parte das crianças e de seus responsáveis.

A constatação pode ser corroborada pela participação em concursos promovidos pela revista. No concurso de Natal “Que é o que o menino ou a menina mais desejam no novo anno de 1906”, um total de 556 leitores enviou resposta à questão solicitada (*O Tico-Tico*, 3/1/1906, p. 8). Esse número foi ampliado para mais de 960 participantes no concurso nº 24, “que pedia aos leitores para escreverem demonstrando o seu sentimento profundo pela dolorosa tragédia da explosão daquelle couraçado brasileiro”, pouco tempo depois (*O Tico-Tico*, 21/2/1906). Nesse último concurso, foram premiadas 41 “bravas petizadas”, enquanto, no concurso nº 169, “Proclamação da República”, de 20 de novembro de 1907, foram premiados 123 acertadores (Idem, 20/11/1907, p. 12). Constata-se, assim, que o aumento de participações é expressivo, mas que também é expressiva a necessidade de o “jornal da criança” divulgar o nome dos envolvidos e dos ganhadores. Esses aspectos levam-nos a inferir duas questões: a significativa divulgação no sentido de atrair leitores e a participação desses leitores, inserindo-se ativamente no processo de leitura, no qual representam peça fundamental.

Esse processo, a propósito, merece maior reflexão. Roger Chartier (1990), ao descrever a noção de “apropriação”, no sentido de uma abordagem cara à história cultural, propõe “uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações

fundamentais” (pp. 28-9). O autor compreende que a história deveria dirigir-se “[...] às práticas que, pluralmente, contraditoriamente, dão significado ao mundo” (idem, ibidem), guiando, assim, nossa análise para as múltiplas interpretações, próprias das práticas culturais e sociais, que também são diversas e instáveis.

4.3 E os leitores se tornam autores...

Em seus cinco primeiros anos, *O Tico-Tico* publicou, na seção intitulada “Senhor X”, diversos contos produzidos por seus leitores. Por meio desse exame, é possível vislumbrar as vozes desses leitores, bem como perceber o tipo de literatura que fazia parte da formação desses jovens e crianças.

Em geral, as crianças desses contos são sempre obedientes aos adultos, bondosas, gentis e estudiosas. Os personagens que destoam desses predicativos sofrem, em geral, algum tipo de punição ou lição de moral. Isso é o que se vê em “Exemplo Maternal”, assinado pelo leitor Romeu de Lima Leal, de 10 anos (*O Tico-Tico*, 3/3/1909, p. 10). O conto é pequeno, desenvolvido em algumas poucas linhas. Traz a história de um menino e de sua mãe que, após a morte do pai, viviam em uma cabana pobre. Contudo, embora pobres, os personagens são descritos como felizes, pois o mais importante era o amor da mãe por seu filho. Certo dia, a fortuna bate à porta do casebre:

[...] Uma vez, casualmente, a fortuna entrou-lhe pela porta e disse, em tom irônico e zombeteiro: um filho bom e dedicado não deve viver na escuridão. Anda, partamos, abandona a tua mãe, luta pela vida e verás como em breve serás um pachá!

— Eu? Abandonar minha choupana singela para habitar em palácios e deixar isolado o meu anjo tutelar, isso nunca! Siga o teu caminho tortuoso e estreito, que a felicidade não consiste em castelos de már-

mores dourados, não! Enganas-te! A felicidade é a paz, é o amor sublime que devemos ter aos nossos pais!! E hoje, quando passamos n'esse recanto e ouvimos o dobrar tristonho do sino da igreja, vimos aquele par ditoso caminhando alegremente, de mãos dadas, subir os degraus da capela para invocar à Virgem suas perpetuas felicidades!!! (O *Tico-Tico*, 3/3/1909, p. 10).

Nessa passagem, é possível observar que, para o personagem, o importante era o sentimento de amor familiar, pois dele derivava a felicidade. O personagem (descrito como um bom filho) tem, no amor pela mãe, sua verdadeira felicidade. Esse, contudo, não é o único conto em que o amor pelos familiares (em geral, a família apresentada é a nuclear burguesa, com mãe, pai e filhos) aparece acima dos interesses pessoais.

Alguns contos escritos para a mesma seção apresentam características semelhantes. Outro exemplo é o escrito por E. Wanderley, intitulado “Amor Filial”. No conto, o personagem Agostinho, um menino pobre, recebe a medalha de melhor aluno do ano (O *Tico-Tico*, 12/1/1910, pp. 16-7). Todavia, com sua mãe doente, a criança tenta penhorar a medalha para comprar os remédios de que ela, adoentada, necessita. Após algumas dificuldades, o menino não só consegue o dinheiro para o remédio, como também fica com a medalha, como recompensa por sua abnegação.

Em estudo sobre a história da literatura infantil brasileira, Lajolo e Zilberman trazem uma análise do contexto nos anos iniciais do século XX. Segundo as autoras, esses primeiros anos da República foram marcados por projetos que visavam formar os novos cidadãos. Dessa feita, concomitantemente à ampliação das escolas públicas, houve necessidade de criar materiais que pudessem ajudar no processo de formação desses jovens e crianças (Zilberman e Lajolo, 2009, p. 21).

Os livros escritos nesse período (1900-1920) caracterizam-se por preocupações explícita ou implicitamente pedagógicas, tanto por apresentar histórias com crianças de comportamento exemplar (exaltando a obediência aos adultos e sentimentos socialmente valorizados, como caridade, amizade e justiça) como por trazer textos com linguagem formal, semelhante àquela aprendida nas escolas. Essas representações da infância estavam relacionadas a um projeto político-social mais amplo, cujo objetivo era formar os futuros cidadãos. Assim, tais livros, em sua maioria, eram lidos por crianças e jovens, e veiculavam determinadas representações sobre uma infância que “deveria ser”. O amor à família e à pátria, a prática de boas ações e, sobretudo, o sacrifício dos interesses pessoais pelo coletivo eram preocupações recorrentes.

De modo velado ou não, nesse período os livros dedicados às crianças têm a preocupação de prepará-las, desde a mais tenra idade, para a vida adulta. Por isso não é incomum que, nos livros de literatura infantil com apelação nacionalista, como *Através do Brasil* (1910), de Olavo Bilac e Manuel de Bonfim, e *Contos pátrios* (1904), de Olavo Bilac e Coelho Neto, apareçam personagens em sua fase infantil, que, a partir dos 11 ou 12 anos, adquirem um comportamento socialmente atribuído aos adultos, como, por exemplo, a preocupação com o trabalho e com a família (Zilberman e Lajolo, 2009, p. 30).

Vale ressaltar que esse tipo de literatura aponta para uma concepção de infância desenvolvida ao longo do século XVIII, desde a ascensão da burguesia. A criança passou, então, a ser percebida como o ser do “devir”, ainda em formação, e que necessitava de ações educativas específicas. Diante disso, desde o século XVIII, o livro infantil “configurou-se como aliado deste projeto burguês de educação, preocupado com a perpetuação de valores e representações sociais” (Silva, 2011, p. 37). Assim, pequenas histórias com essas características são uma constante nas edições analisadas de

O Tico-Tico. É possível, portanto, vislumbrar o sistema de representação do ideal de infância que estava vinculado à literatura infantil na época. Esses contos publicados pela revista possibilitam-nos entrever as experiências dessas crianças como leitoras. Os livros escritos apontavam para uma preocupação com a formação dos cidadãos, que deveriam privilegiar determinados comportamentos.

Roger Chartier (1999), ao examinar as práticas de leitura e o leitor ao longo da história, pondera que, não podendo o historiador conhecer o passado tal qual ocorreu, só lhe resta observar, por meio das fontes, as mudanças havidas nos sistemas de representação (p. 82). Dessa forma, não se sabe ao certo se, no caso dos livros infantis, as crianças passavam a se comportar de forma exemplar, mas, sem dúvida, esses padrões de comportamento eram valorizados nos personagens de livros e textos destinados a crianças.

A análise dos contos enviados à publicação pelos jovens leitores se faz oportuna. Nessas histórias, as vozes das crianças se fazem presentes, e, com elas, é possível observar alguns modos como essas crianças se apropriaram dos discursos educativos e moralizantes veiculados pelos livros infantis do período. Aproximando-se, consideravelmente, das práticas escolares, por meio de textos e redações, o jornal despertava, nas crianças, a vontade e a necessidade de se expressar com a linguagem escrita, principalmente por meio dos ideais civilizatórios. No entanto, também encontramos histórias que não seguiam essas características. Nelas, as crianças se expressavam sem a preocupação de construir personagens, histórias exemplares ou de se adequar aos padrões estabelecidos.

Entre os contos desprovidos dessa preocupação pedagógica, está aquele escrito por Amanda de Toledo, de 12 anos. A história gira em torno da destruição de sua boneca preferida por um menino da vizinhança. Rompendo com outros contos em que as

crianças apresentam comportamento exemplar, a menina expõe sua reação ao deparar com a situação mencionada:

[...] Quando chegamos, era já tarde. O cruel, com a boneca na mão, ria, inconsciente. Havia retorcido as pernas e os braços da pobrezita e agora procurava arrancar-lhe os olhos e os cabelos.

Loucas de raiva, eu e Laura caímos sobre o patife e demos-lhe tanta pancada que o bratinho deitou a correr para a casa, com o nariz esguichando sangue, num berreiro infernal (*O Tico-Tico*, 25/8/1909, p. 20).

Nesse conto, é possível vislumbrar a voz da criança sem que manifeste a preocupação em atender àquilo que Sônia Salomão Khede (1986) chama de “expectativas adultocêntricas” (p. 25). Com essa expressão, Khede refere-se ao tipo de história ou de personagem que os adultos esperam integrar um livro para crianças. No caso da literatura infantil dos primeiros anos do século XX, esperava-se, em geral, que os contos infantis transmitissem valores morais (bondade, abnegação, obediência aos adultos e amor pelos estudos). Essas expectativas podem ser observadas tanto em contos escritos por adultos para crianças (como o caso de *Através do Brasil*, de Olavo Bilac e Manuel de Bonfim) como nas histórias criadas por crianças e enviadas a *O Tico-Tico*.

Além de não representar a si mesma no conto como uma menina exemplar, a jovem autora também cria um desfecho para sua história que rompe com a maior parte das histórias de leitores publicadas na revista. Ao longo das edições analisadas, percebemos que tanto as histórias publicadas pelos redatores (histórias ilustradas, como as “Aventuras de Chiquinho” e “Contos Maravilhosos”) como aquelas enviadas pelos leitores apresentam uma estrutura binária, maniqueísta. Assim, personagens que têm as qualidades esperadas sempre são recompensados no

fim da história. Do mesmo modo, aqueles que agem de uma forma considerada errada, desonesta e fora dos padrões morais sempre são castigados. No conto escrito pela menina Amanda, contudo, há um rompimento com esse padrão, como podemos observar no trecho a seguir:

Cinco minutos depois entra a mãe de Julio, a nos dirigir investidas. O negócio se complicava.

Mamãe, que ouvira a voz da vizinha, veio pedir-lhe explicações. Repreendeu-nos, prometeu castigar-me, o que não fez, graças a intervenção de Laura, que, debulhada em lágrimas, pediu-lhe que me desculpasse (*O Tico-Tico*, 25/8/1909, p. 20).

No final da história, mesmo criando indisposição com a família vizinha por ter agredido o menino (o que a distanciava do modelo de criança e, sobretudo, de menina exemplar), a criança é perdoada. O castigo não se dá, segundo ela, pela interferência de uma amiguinha. As reflexões de Walter Benjamin sobre a criança e o universo infantil se fazem oportunas. Segundo ele, as crianças também são sujeitos capazes de se apropriar do mundo adulto, criando novas lógicas. Elas “estão menos empenhadas em reproduzir as obras dos adultos do que estabelecer uma relação nova [...] com esses restos e materiais residuais” (Benjamin, 2009, p. 58). A nosso ver, a criança parece apresentar a capacidade de subverter uma lógica habitual ou esperada pelos adultos e criar outra, que agrada mais a ela. A lógica mais comum dos contos apresentados é que um comportamento impróprio (nesse caso, agredir o colega) deve ser castigado, o que, contudo, não ocorre.

As histórias escritas por crianças e publicadas na revista não são fortuitas. Além de apontar uma estratégia de aproximação com o público-leitor, vislumbra o projeto educativo vinculado pelos editores da revista. Além disso, o espaço aberto ao público infantil

permite-nos analisar os modos de representação social das crianças leitoras da revista, bem como o tipo de literatura possivelmente lido por elas.

Considerações finais

Criada no momento em que o Brasil tentava construir seu modelo republicano, a revista *O Tico-Tico* pode ser entendida como um periódico a serviço de um projeto social. Como bem nos aponta Waldomiro Vergueiro (2008), o “jornal da criança” trouxe entretenimento e lazer, mas “não o fez de maneira inocente, pois buscava formar um determinado tipo de cidadão e louvar um padrão de comportamento” (p. 23).

Enquanto a expansão da malha escolar consistia em uma preocupação social disseminada entre os discursos políticos e aqueles circulados na imprensa, a revista representava um espaço não formal de educação. No entanto, embora não formal, de algum modo ela estava próxima das novas ideias de formação dos cidadãos, por meio da escolarização. Tal percepção vai ao encontro da afirmação de Zita Rosa (2002), ao refletir sobre as intenções dos responsáveis por *O Tico-Tico*: “em imprimir à publicação um caráter utilitário”, levando-os “a acalantar um projeto pedagógico atrelado à ideia de progresso” (p. 108).

Nesse sentido, é possível perceber, a partir da análise traçada, que *O Tico-Tico* exhibe algumas representações da escola primária proposta no Império e idealizada no início da República. A forma escolar republicana pode ser encontrada sob diferentes roupagens: na história de Frei Tomaz, em que aparece a configuração usual de uma sala de aula (disposição das carteiras, dos alunos, do professor e dos objetos didáticos); nos jogos, charadas e desafios lançados pela coluna “O Sr. X”, que se assemelhavam aos exercícios trazidos nos livros de leitura e manuais de matemática adota-

dos pelas escolas à época; na história de Nina e seu cachorro Petit, que reproduz um imaginário em torno das práticas pedagógicas.

Por forma escolar, entendemos a configuração apresentada pelas práticas educativas formais, mais comumente observadas na instituição escolar. Durante a República, buscou-se implementar uma nova organização escolar, que passou a conceber e projetar na escola a ideia e o simbolismo da modernidade, próprios da República. Embora outras formas de organização escolar possam ser observadas nesse período, como ponderam Alessandra Schueler e Ana Magaldi (2009), verificamos que a forma estabelecida no início do século XX foi de uma escola dita moderna, construída e organizada sobre preceitos higienistas, médicos e pedagógicos (constituída por séries que variavam de acordo com a idade dos alunos; com um tempo de funcionamento próprio, com disciplinas específicas etc.).

Esse imaginário escolar, propiciado pela ideia de modernidade, progresso e civilização, pode ser observado em algumas passagens trazidas nas matérias de *O Tico-Tico*. Ademais, algumas das histórias enviadas pelos leitores também apresentam indícios dessa escola republicana. No conto enviado por E. Wanderley, o personagem é descrito como o melhor aluno da classe, que recebe uma medalha pela aplicação aos estudos. O ato de premiar, no final do ano letivo, os alunos exemplares era uma característica de algumas escolas públicas primárias. Essa prática aparece nas biografias e nos estudos realizados, por exemplo, sobre a poetisa Cecília Meireles, que, em 1910, recebeu do então diretor de Instrução Pública, Olavo Bilac, uma medalha por seu desempenho escolar.⁸ Nota-se, então, que os elementos da cultura escolar são apresentados e va-

8 Sobre a criação da Biblioteca Infantil Pavilhão Mourisco, dirigida pela poetisa Cecília Meireles, Jussara Pimenta (2011) aponta-nos o episódio da vida escolar da poetisa e diretora da biblioteca em que, aos 9 anos, recebeu uma medalha como prêmio por seu desempenho escolar.

lorizados (ao menos, aparentemente) até mesmo pelos leitores que enviavam contos para o “jornal da criança”.

Lançando mão de estratégias editoriais como, por exemplo, aproximação com seus leitores, histórias ilustradas, contos clássicos, matérias pedagógicas, informações gerais e brincadeiras, *O Tico-Tico* apresentou, escamoteadas ou não, representações de pensamentos comuns em uma sociedade em transformação e em pleno processo de modernização, bem como uma sociedade fortemente marcada pelas práticas e pela forma escolar. Além disso, inculcou hábitos moralizantes e condutas sociais “adequadas”, proporcionando um novo jeito de divertir, educar e civilizar.

Fontes

Periódicos

Correio de Minas, 1906.

O Imparcial, 1915.

O Malho, 1905.

O Tico-Tico, 1905-1910.

Referências

BELLO, Oliveira. *Imprensa Nacional: apontamentos históricos*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Editora 34, 2009.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, v. 1, 1994.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

- _____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999.
- DARNTON, Robert. “Uma história da leitura”. In BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- EL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes e VIDAL, Diana. “Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil”. *Revista Brasileira de Educação*, n. 14, 2000, pp. 19-34.
- GONÇALVES, Roberta Ferreira. *A escola disfarçada e brincadeiras: intelectuais e ideias na criação da revista O Tico-Tico* (dissertação). UERJ, 2011.
- GONDRA, José Gonçalves e SCHUELER, Alessandra. *Educação, poder e sociedade no Império Brasileiro*. São Paulo: Cortez, 2008.
- GOULEMOT, Jean Marie. “Da leitura como produção de sentido”. In CHARTIER, Roger. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- KHÈDE, Sonia Salomão. *Personagens da literatura infantojuvenil*. São Paulo: Ática, 1990.
- PIMENTA, Jussara Santos. *Leitura, arte e educação: a biblioteca infantil do Pavilhão Mourisco (1934-1937)*. Curitiba: CRV Editora, 2011.
- ROSA, Zita de Paula. *O Tico-Tico: meio século de ação recreativa e pedagógica*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.
- SCHUELER, Alessandra e MAGALDI, Ana Maria de Mello. “Educação escolar na Primeira República: memória, história e perspectivas de pesquisa”. *Tempo*, 2009, v. 13, pp. 43-66.
- SILVA, Márcia Cabral da. “A circulação de textos literários entre crianças e jovens na sociedade contemporânea”. *Revista Fronteira Z*, São Paulo, n. 6, abr. 2011, pp. 1-11.
- _____. *Infância e literatura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, pp. 20-39.
- _____. e MARTINS, Milena Ribeiro. “Experiências de leitura no contexto escolar”. In PAIVA, Aparecida et al. (orgs.). *Literatura: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2010, v. 20, pp. 23-40. (Coleção Explorando o Ensino)

- VARELA, Júlia e ALVAREZ-URIA, Fernando. *A maquinaria escolar: teoria e educação*. Trad. Guacira Lopes Louro. S.l., 1992, pp. 1-17.
- VERGUEIRO, Waldomiro. “O Tico-Tico: uma análise da primeira revista brasileira de histórias em quadrinhos”. *Comunicação & Educação*, maio/ago. 2008, n. 2, ano XIII, pp. 23-34.
- VILLELA, Heloisa. “O mestre-escola e a professora”. In LOPES, Eliane Martha et al. (orgs.). *500 anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- VINCENT, Guy et al. “Sobre a história e teoria da forma escolar”. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 33, pp. 7-48, jun. 2001.
- ZILBERMAN, Regina e LAJOLO, Marisa. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. São Paulo: Ática, 2007.